

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Paula Dias Rocha

**A JUVENTUDE INSERIDA NA ESCOLA: imagens e diálogos na
comunidade do Esmeril/Congonhas-MG**

Belo Horizonte

2012

Ana Paula Dias Rocha

**A JUVENTUDE INSERIDA NA ESCOLA: imagens e diálogos na
comunidade do Esmeril/Congonhas-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^ª. Maria Zenaide Alves

Belo Horizonte

2012

Ana Paula Dias Rocha

**A JUVENTUDE INSERIDA NA ESCOLA: imagens e diálogos na
comunidade do Esmeril/Congonhas-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado _____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Zenaide Alves – Faculdade de Educação da UFMG - Orientadora

Prof. Renata Silva Bergo – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Shirlei Rezende Sales – Faculdade de Educação da UFMG

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe (in memoriam) que foi o meu braço direito no decorrer de minha vida.

Dedico-o também aos jovens da comunidade em que trabalho, pelo carinho e apoio que me deram.

Agradecimentos

Agradeço aos meus colegas da turma Juventude, Escola e Cultura pelos encontros de sábados e a atmosfera de alegria e solidariedade.

Agradeço à professora Maria Zenaide Alves pela certeza que me deu de que é possível pensar simultaneamente com rigor e leveza.

RESUMO

Este trabalho é o relato da participação dos jovens da comunidade do Esmeril na Escola Municipal “Dona Mariana Seabra”. Nele buscou-se refletir à cerca das atividades que poderíamos oferecer aos jovens da comunidade de modo que pudessem encontrar uma opção de relacionar-se com a escola, ocupando assim, o seu tempo ocioso, uma vez que a comunidade dispõe de pouca opção de lazer. Paralelamente buscou-se uma articulação de uma atividade com um referencial teórico em que permitisse uma reflexão mais rigorosa sobre a ação. Evidenciou-se, sobretudo, a necessidade de ajudarmos os alunos do 3º e 4º ano com atividades extra classe para sanarmos algumas dificuldades de aprendizagens. Os alunos foram divididos em grupos, que iniciaram as atividades fotografando a comunidade local que esbanja paisagens maravilhosas. De posse das fotos, fizemos uma exposição para a comunidade escolar e local. Conhecendo a comunidade em que residem, os moradores, as dificuldades e as pouquíssimas formas de lazer, os alunos relataram através de textos dissertativos “Que o melhor lugar do mundo é aqui”. Através da construção dos textos, os professores, juntamente com os jovens, sanaram algumas atividades de aprendizagem dos mesmos. Com o envolvimento de moradores antigos, pais, ex-alunos jovens, professores, funcionários e direção este trabalho desencadeou-se na elaboração do Projeto Político Pedagógico que construímos no decorrer deste ano e irá possibilitar uma articulação de forma mais orgânica das várias iniciativas que realizaremos na escola. A iniciativa dos jovens de iniciarmos o trabalho com fotografias da comunidade surtiu um grande efeito nos alunos, tanto na apresentação, quanto na dissertação.

Palavras-chave: fotografias-juventude-comunidade local.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------------|
| 1. Introdução | P.8 |
| 2. A escola Municipal “Dona Mariana Seabra” | P.9 |
| 3. Necessidade e Possibilidades de Intervenção | P.10 |
| 4. Situação Problema e Proposta de Intervenção | P.15 |
| 5. Referencial Teórico | P.17 |
| 6. Plano de Ação | P.22 |
| 6.1 Objetivos Gerais | P.23 |
| 6.2 Objetivos Específicos | P.23 |
| 7. Relato da Ação | P.24 |
| 8. Considerações Finais | P.26 |
| 9. Referências Bibliográficas | P.27 |
| 10. Anexos | P.28 |

INTRODUÇÃO

A relação teoria/prática é uma questão tradicionalmente controversa quando se entra em discussões que envolvam juventude e o conhecimento. Notadamente, para sua discussão, apresento o relato acadêmico de um Plano de Ação.

O que me propus foi aproveitar a paisagem e a comunidade do Esmeril, um bairro do município de Congonhas-MG, no espaço escolar e dar a esta situação uma participação efetiva e afetiva de ex-alunos jovens num trabalho planejado por eles juntamente com a escola. Saliento a questão afetiva, uma vez que tais alunos conviveram comigo durante o percurso das séries iniciais e continuam com essa relação, mesmo estudando em outro espaço escolar (na sede).

A intenção foi fazer com que os ex-alunos jovens tivessem uma atividade após seu horário escolar. Foi uma experiência vivida por jovens, pais, alunos, comunidade, professores, funcionários e direção no contexto específico de determinada unidade educacional da rede municipal. É, portanto, um relato interessado e endereçado e, não obstante seu caráter “ensaístico”, procurará seguir rigorosamente uma linha de argumentação e diálogo crítico com textos de pesquisadores mais experimentados, cujos argumentos sejam considerados pertinentes tanto para sustentar as posições e idéias aqui expressas, quanto para questioná-las. A expectativa é que esta experiência possa ser continuada e aprofundada nos próximos anos, uma vez que os jovens da comunidade adoraram a participação nos trabalhos realizados na escola em que um dia estudaram.

A ESCOLA MUNICIPAL “DONA MARIANA SEABRA”

A Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” está localizada em uma região montanhosa, entre grandes serras que compõem a paisagem de uma estrada de terra que liga Congonhas a Jeceaba. Situa-se ao lado de uma área parcialmente preservada, considerada como Serra dos Paulistas. O nome do bairro é Esmeril e nele encontramos pequenas chácaras e três hotéis-fazendas com uma imensa área verde. A comunidade é privilegiada pela água e pelo ótimo lugar para se viver em harmonia com a natureza. A visão do bairro alcança muitas cidades e uma bela paisagem. Apesar da exuberância do lugar os jovens não têm muitas opções de lazer e na comunidade existe apenas um bar onde é encontro de amigos e o único divertimento. Há uma pequena igreja em que uma vez ao mês há celebração religiosa pelo sacerdote e, semanalmente, os vicentinos se reúnem para suas atividades.

A escola, portanto, torna-se referência para a comunidade, sendo a única instituição local de parceria, por isso o prédio é normalmente emprestado para festas regionais ou reuniões da comunidade, na qual possui uma

Associação de Moradores de Bairro bem atuante. A história desta escola está de muitas formas entrelaçadas com a história de vida dos moradores do Esmeril. O bairro é conhecido pela beleza da paisagem e pela exploração e extração do minério. A vegetação é de campos e cerrados.

Oficialmente criada pelo decreto Lei nº 06 de 1º de fevereiro de 1939, assinado pelo Prefeito Dr. Alberto Teixeira Filho teve o seu nome em homenagem a Sr^a Mariana Monteiro Seabra, conceituada professora.

A área da escola é de 115,20 m² e o total de toda escola é de 444,75 m². A escola foi reconstruída em 15/12/1990 em 19 de abril de 2010. O ensino é regulamentado somente até o 5º ano do Ensino Fundamental sendo necessário a continuação dos estudos em outros municípios, normalmente em Congonhas ou Jeceaba , para a conclusão do ensino médio. A escola foi reconstruída em 15/12/1990 e em 19 de abril de 2010, a atual administração ampliou e reformou

toda a escola, inclusive calçando o pátio. Há uma parceria com o Instituto Compreender e a comunidade escolar e são realizadas reuniões mensais para averiguação do Projeto Político Pedagógico da escola. A escola possui ainda uma proposta de parceria com a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) de participar do projeto “Garoto Cidadão”¹. Outra parceria que muito nos beneficia é a dos hotéis da região com empréstimo da área para finalização de projetos ou lazer com nossos alunos.

A escola atende a 27 alunos distribuídos em dois turnos de trabalho. Há três anos a escola atendeu ao turno da noite com turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola atende, além da comunidade do Esmeril, a comunidade de Barra de Santo Antonio.

Vê-se, portanto, que a Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” está inserida em uma região composta majoritariamente por famílias de baixo poder aquisitivo, muitas beneficiadas pelos programas governamentais de transferência de renda.

A escola conta com um quadro de seis servidores para as áreas de administração e manutenção. Destes, três são contratados por firmas terceirizadas pela atual administração. O corpo docente é composto por sete professores. Todos têm formação em nível superior e estão sempre se aperfeiçoando mediante as oportunidades de cursos de formação continuada oferecidos pela própria Secretaria Municipal de Educação. É um grupo em que todos trabalham coletivamente na elaboração e execução de projetos.

Com o objetivo de recuperar os alunos com dificuldades de aprendizagem há intervenção em horário extra.

Não há transporte coletivo na comunidade, por isso a maioria dos alunos para chegar à escola necessita de transporte escolar e para comunicarmos com os pais dos mesmos é preciso um transporte extra.

¹ Projeto Garoto Cidadão é realizado pela Companhia Siderúrgica Nacional com aulas de música (instrumental), teatro e dança uma vez por semana.

Todos os projetos desenvolvidos na escola são finalizados com festividades e neles há participação dos pais/comunidades (Esmeril e Barra Santo Antônio).

Há dois anos consecutivos a escola é contemplada com a premiação “Escola Que Faz a Diferença”, pela Secretaria Municipal De Educação.

Sou lotada nesta escola há oito anos como professora e há cinco anos como Diretora. Desempenho, além do cargo de direção, a função de secretária e apoio pedagógico- uma vez que a escola não dispõe desses profissionais.

No início do ano letivo de dois mil e onze e no decorrer deste ano realizamos uma construção democrática do Projeto Político Pedagógico.

NECESSIDADES E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

Minha trajetória como Diretora da Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” tem me colocado diante de alguns desafios. Dentre eles, o que situo como mais problemático é a ausência de um Coordenador Pedagógico direcionando o corpo docente. Sou Diretora escolar de dois estabelecimentos educacionais e sei que fica um pouco a desejar este apoio pedagógico. A escola é dotada de boa infraestrutura e o quadro docente é estável, o que facilita muito o trabalho com alunos e a comunidade; uma vez que o corpo docente conhece o aluno do início de sua vida escolar (Educação Infantil) até o 5º ano que é oferecido pela escola.

Na comunidade do Esmeril, por situar-se longe da sede do Município de Congonhas, há muitas dificuldades referente ao lazer. Essa precariedade dar-se por motivos diversos como baixo poder aquisitivo dos moradores locais, precariedade dos meios de transporte entre outros. Sem opção, os jovens após o horário escolar, na maioria das vezes, realizam os trabalhos domésticos, ajudam fazendeiros na lida, prestam algum serviço nos hotéis fazendas da região, em um período diário de aproximadamente duas a três horas e logo em seguida têm como alternativa os programas oferecidos pela televisão.

Para reverter tal circunstância há possibilidade dos alunos interagirem mais com os projetos e recursos oferecidos pela escola como o “Projeto Garoto Cidadão”, o Projeto Arte na Escola, dentre outros. É fato que a escola também deva proporcionar ações nas quais os alunos possam exercer atividades extras.

A educação e a escola se encontram com a cultura. Primeiro porque a escola é fruto da mesma cultura da qual ela é também expressão. Depois porque ela existe como um fole que ativa sempre as brasas mais fundamentais da cultura. (GANDIM 1988,p.40)

Partindo dessa análise nota-se que a escola deva proporcionar meios nos quais se introduzam a cultura local, desse modo o interesse do aluno pelo ambiente escolar passa a assumir um diferencial e assim o jovem e a escola poderão manter um elo de compromissos que serão fundamentais para ambos.

Ainda segundo Gandim (1998, p. 42) “a escola tem sido uma das instituições mais bem sucedidas na transmissão de cultura e na sua renovação dentro do padrão de cultura e na sua renovação dentro do padrão estabelecido de mudar o acidental.” Entende-se então que o ambiente escolar deve construir um diálogo com os conhecimentos embasados na cultura e necessidades locais.

Na Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” outro fator preocupante é a falta de participação dos pais. Como eles não possuem veículo automotor e por não haver transporte coletivo, eles só vão à escola se houver disponibilidade de transporte particular. A residência desses alunos é bem distante da escola, a maior parte dos mesmos necessita de transporte escolar oferecido pela Prefeitura Municipal de Congonhas. Para os outros tipos de eventos, reuniões, todos dependem de transporte, entretanto, mesmo quando há disponibilidade de condução, o comparecimento dos pais ainda é bem reduzido, salvo se a escola apresentar algum evento ou festividade, onde a mesma tem um número considerável de pais ou responsável. Ressalta-se que somente nessas oportunidades os professores aproveitam para expor sobre o desempenho dos alunos. Nota-se, assim, que o desinteresse dos pais pela vida escolar de seus filhos é um fator que compromete o desenvolvimento escolar dos alunos.

Importante seria estimular no pessoal envolvido no processo atitudes criativas e imaginativas para que, diante de um problema específico e determinado, procure todas as possibilidades existentes para suscitar elementos geradores de outros e novos valores, de modo que se consolide uma cultura popular que sintetize as possibilidades reais de criação dessa população nos vários setores de sua atividade. (VIANNA, 1986, p. 53)

Considerando essa perspectiva, é importante citar que a escola conta ainda com ações da Associação Comunitária no povoado, a qual tem um papel significativo com representantes do poder político, empresarial e desse modo

gera benefícios para a escola. Nesses termos, nota-se um ponto de apoio no que diz respeito à integração escola/comunidade.

De acordo com Vianna (1986, p.57) referente ao grupo de incentivação, ou seja, o processo de Planejamento participativo integrando escola, família e comunidade “deverão ser envolvidos todos os elementos implicados no trabalho educativo, a comunidade onde está inserida a escola e todos os órgãos aos quais ela está direta ou indiretamente subordinada.”

Situação Problema e Proposta de Intervenção

Na referida escola algumas situações problemas são mais acentuadas, como exemplo, a dificuldade que os jovens da comunidade enfrentam ao término do 5º ano do ensino fundamental, visto que os mesmos necessitam recorrer a outra instituição escolar para conclusão do 6º ao 9º ano. A dificuldade se concentra pelo fato da dependência do transporte público sendo que os alunos necessitam sair para o município mais próximo às 6 horas e retornar às 14 horas. Tal situação é inadequada, pois sendo pouco os horários do transporte público, os jovens dependendo do mesmo, chegam muito tarde em casa, aproximadamente às 14:00 horas..

Para reverter essa situação foi elaborado um trabalho no qual empregou-se no período posterior às aulas, ações para os jovens da comunidade, que possam fortalecer os vínculos pessoais em relacionamentos que compartilham compromissos mútuos. É preciso, ainda, desenvolver laços afetivos na vida cotidiana integrado ao ambiente escolar. Segundo Duran (1990, p. 700 citado por PENIN, 1994, p. 65), "a razão e a ciência só vinculam os homens com as coisas, mas o que une os homens entre si, nas lidas e nas lutas cotidianas, é a representação por ser vivida e que constitui o reino das imagens."

Acredito que uma escola deve diferenciar a educação tanto que possível. Uma oficina de fotografia, por exemplo, pode servir para despertar o interesse dos alunos, além de fomentar a autoestima, o trabalho em grupo e o interesse pelas situações da escola/comunidade, ou seja, investir na gestão da comunidade para trazer melhorias em todas outras áreas.

A escola apresenta também problemas de alunos com dificuldades na aprendizagem, nesse sentido, a proposta de intervenção visa estruturar um grupo de atendimento no período extraclasse composto por alunos mais atuantes e ex-alunos, os quais se disponibilizem auxiliar na intervenção. Para que a escola tenha uma parceria efetiva com as famílias, especialmente, no que diz respeito às ações que favoreçam a aprendizagem foi realizado uma reunião com os pais e os alunos para, desse modo esclarecer os métodos

intermediários.

A partir da iniciativa, a proposta visa também expor em toda a escola, de forma organizada e apresentável, os trabalhos realizados na intervenção durante os meses de abril, maio e junho, para as demais turmas, pais e comunidade para que possam entender o objetivo da educação na referida escola.

A justificativa consta de, além de focar as metas de aprendizagem, criar um clima positivo de trabalho na escola, no se qual reconheça os aspectos locais e usufrua das condições próprias da comunidade, ainda elaborem métodos que contribuem para sanar a deficiência da aprendizagem. A intervenção justifica-se, além disso, pelo fato de dar aos alunos meios convenientes no ambiente escolar como um espaço de conhecimento e utilização da cultura.

REFERENCIAL TEÓRICO.

No ensejo de realizar uma reflexão mais rigorosa sobre a parceria com ex-alunos, procurei mobilizar teorias e conceitos presentes em autores que investigaram em suas pesquisas questões específicas da juventude, da pedagogia, da comunidade e a educação. Recorri também a outros autores que, embora não trabalhem especificamente com a educação e a pedagogia, abordam questões que julgo serem relevantes por relacionarem com o campo educacional.

Para as questões relacionadas à juventude como categoria de análise e, em especial aos jovens como alunos, vali-me, respectivamente de Levi e Shmitt (1966) e de Nogueira (s/d). Para as questões relacionadas ao currículo, utilizei textos de Moreira (2007), e Paraíso (2007 e 2010).

Já é bastante difundida a ideia de que ao falar ou escrever sobre jovens temos que considerá-los a partir de perspectivas muito variadas. São questões de gênero, de raça, de corte socioeconômico, dentre outras tantas. Daí ter se difundido o uso do termo “juventudes” como forma de expressar a pluralidade de formas através das quais se podem conceber, representar e viver essa etapa da vida. Na introdução que escrevem para uma obra coletiva sobre as “juventudes”, Levi e Schmit (1996) desenvolvem alguns argumentos que julgo serem úteis para definir qual é a noção de juventude que irá orientar esse trabalho. Primeiramente eles apontam para o caráter de “liminaridade” que marca com maior força as juventudes, como construções culturais, têm suas imagens socialmente constituídas a partir de disputas simbólicas, em que lhes atribuem determinadas características e determinados papéis (Levi e Shmitt, 1996, PP.11-12).

Os autores vão enfatizar ainda que as disputas para enquadrar os jovens em molduras cuja função é representá-los no exercício de determinados papéis sociais podem resultar tanto em políticas de controle e conservação social quanto em ações de ruptura com a ordem estabelecida. Diante dessa ambiguidade os Estados modernos vão estabelecer “formas orgânicas de socialização e controle (sobre os jovens): desde a escola, em que as idades

são sempre identificadas com mais precisão, até o exército e o sistema jurídico”. Entretanto observarão eles que, como construção social, “em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores” (p13-14).

Fazendo opção pelas elaborações teóricas de Simmel à cerca das relações indivíduos/sociedade, Nogueira (s/d) realizou observações em sala de aula. Em sua leitura constata a existência de uma ambiguidade entre subjetividade juvenil e a identidade discente.

Considerando a pertinência das análises de Nogueira, penso que elas podem ser mobilizadas criticamente para problematizar as noções mais cristalizadas acerca do que é legítimo ensinar na escola. Em outros termos, trata-se de refletir sobre a atualidade das discussões curriculares, num contexto em que a pressão para a produção de índices de desempenho baseados em processos formais de avaliação (provas) se intensifica. Não que eu julgue que essa prática não seja importante. Ela é relevante, mas deve ser perspectivada a partir dos contextos específicos onde esses processos operam. É assim que busco com Moreira (2007) e Paraíso (2010), aproximarme dessa questão.

Moreira (2007) vai abordá-la de forma profícua analisando documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e sua articulação com a prática de uma unidade escolar que adota as referidas diretrizes. O autor nos lembra o fato raro de que a proposta pedagógica da Escola Plural atravessou várias gestões na administração do município. No texto, procura verificar como as diretrizes da proposta se efetivaram em documentos oficiais e como estes foram lidos e ressignificados no espaço escolar. Entretanto, interessa-nos aqui reter um dos aspectos de seu texto:

O argumento de que propostas e estratégias curriculares inovadoras podem, paradoxalmente, criar um espaço discursivo no qual se ‘segregam’ as crianças das camadas populares, reduzindo suas possibilidades de autonomia, frente às crianças dos grupos privilegiados” (Moreira, 2007, p 266-267), grifos meu).

Prosseguindo em suas análises dos documentos oficiais da Secretaria de Educação e sua recepção tensa e ressignificada em uma unidade escolar, chega a algumas conclusões , sobre tudo a de que

Não basta abrir a escola a diversas manifestações culturais . Não basta ampliar os tempos culturais no currículo. Não basta uma escola aberta aos saberes e experiências dos estudantes e da comunidade em que se insere. Não basta conceber e tratar o aluno, que vem sendo excluído da escola e da participação da sociedade, como um ser cultural. Não basta procurar devolver no aluno uma auto-imagem positiva. Não basta organizar-lhe em espaço para convivência , socialização e aprendizado de valores e condutas. Não basta a sensibilidade com a totalidade da formação humana. Não basta clamar pelo direito de todos os estudantes a realização plena como sujeitos socioculturais . Se tudo isso é indispensável, não é suficiente (Idem, ibidem, 2007, p. 287).

No posicionamento de Paraíso (2010) a autora desenvolveu pesquisa em escolas públicas investigando criticamente a estratégia do reagrupamento como práticas para superar as dificuldades de aprendizagens. Baseando-se em um repertório filosófico-conceitual construído na confluência das obras de Deleuze, Guatari, Artaud e Foucault – cuja matriz é Nietzsche -, Marlucy compõe um belo quadro para realizar “exercícios de pensamento) sobre as estratégias, dos reagrupamentos em uma relação com o papel do desejo na aprendizagem. O que nos interessa em suas análises é sua advertência para que , em nossas práticas, fiquemos à espreita , em busca do inusitado, abertos à experimentação, para estarmos dispostos a apresentar uma pluralidade de textos aos estudantes. Isso porque “por mais que um currículo seja cheio de organizações, de disciplina, de controle; ele também é cheio de possibilidades (...) pela matéria diversa que o constitui” (Paraíso, 2010, p. 165)

Quando dirigimos nosso olhar à juventude nos preocupamos apenas com o que ela acarretará para a vida adulta, tendemos a prescrever uma série de comportamentos e atitudes que só assumem sentido num tempo futuro. É um erro ancorar os jovens nesta temporalidade projetada, que faz sentido apenas para os adultos que já tiveram oportunidade de construir suas próprias experiências de vida e extrair delas suas lições.

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho os meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista
pela janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por
serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, a vida presente.
(Mãos Dadas/Carlos Drummond de Andrade).

Penso em poder demarcar a orientação que tive em mente quando optei em convidar ex-alunos jovens para a realização de um trabalho extraclasse na escola. Meu desejo foi que com essa estratégia, uma vez posta em circulação, pudesse mobilizar outros desejos e construir novos agenciamentos. A questão das fotografias não é nova na escola, é um caminho para que os ex-alunos jovens se tornem mais protagônicos, envolvendo-se na tarefa de pensar a organização dos tempos e espaços da escola. Pautados pela capacidade de interagir, pelo desejo de produzir projetos, de criar suas próprias significações – não como excluídos, mas como sujeitos da ação, esses jovens poderão se tornar parceiros produtivos na busca das inovações que a escola precisa construir.

O espaço da escola é um espaço dividido, com lugares
predestinados que não se confundem nem se misturam. O
tempo da escola é um tempo segmentado com momentos

destinados para as atividades que igualmente não se confundem nem se misturam. A escola é um conjunto de espaços e tempos que representem um ajuntamento e não um congregamento. (Goergen, p.67, 2009)

O processo pelo qual passei com esta experiência inovadora de trabalhar com ex-alunos jovens, além de ter sido muito enriquecedor para minha formação profissional e pessoal, levou-me a refletir sobre a necessidade de dar continuidade e elaborar uma metodologia de trabalho com jovens. Concordo com Gomes (2003) que afirma ser este um desafio para nós, educadores, visto que precisamos atentar para as peculiaridades dos sujeitos nos seus diferentes tempos/ciclos da vida.

Essa experiência me mostrou que a educação não se reduz à mera transmissão e acúmulos de conteúdos, mas diz respeito às experiências sociais, quando cada um vai-se construindo e sendo construído como ser humano. Acredito, portanto, que a função da educação é humanizar. Para tanto, faz-se necessário superarmos a noção de aluno como a que é trabalhada no contexto escolar. No caso dos jovens, é muito comum serem vistos sob visões preconceituosas como violentos, irresponsáveis, desinteressados ou mesmo carentes e dignos de piedade.

Desse modo, conhecer o que os jovens já sabem, suas aprendizagens realizadas em outros âmbitos de convivência social, tais como o da família, da religião, do mundo do trabalho, do lazer ou ainda, daquelas realizadas em grupos de amigos e de pertença é essencial para organizar qualquer situação de aprendizagem.

PLANO DE AÇÃO

O plano de ação foi estruturado de maneira a focalizar os aspectos da escola em questão. A primeira iniciativa foi trabalhar com os alunos do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, com o propósito de conhecer o que eles têm de aprender.

Para consecução foram mobilizados os seguintes dispositivos pedagógicos:

1ª etapa: Convite aos ex-alunos jovens para fazerem uma participação de um trabalho acadêmico em que eles pudessem ajudar a alunos com dificuldades de aprendizagem.

2ª etapa: Elaboração de uma proposta de trabalho com os jovens e a direção.

3ª etapa: Reunião com os pais dos referidos alunos para apresentação da proposta de realização do trabalho com jovens e ex-alunos da escola.

4ª etapa: Divisão dos alunos em três grupos que iniciaram o trabalho tirando fotografias (escola, alunos, comunidade). Na escola foram válidas fotografias antigas e modernas para, assim, comparar fatos geográficos, culturais, dentre outros. O grupo que optou pelas fotografias de pessoas estudou e relatou sobre o modo de vida, a época, as dificuldades e a forma de lazer.

5ª etapa: Realização de uma exposição, mostrando para a escola e comunidade que o “Melhor lugar para se morar é aqui” (frase dita por uma aluna, a qual foi escolhida para o texto dissertativo escrito pelos alunos).

6ª etapa: Construção da dissertação. Tivemos a parceria da professora da turma, que através desta dissertação realizou vários trabalhos com os alunos (pontuação, ortografia, redação). Trabalhou-se também com as matérias de História e Geografia.

7ª etapa: Por fim buscou-se programar procedimentos avaliativos da atividade desenvolvida no Plano de Ação em Língua Portuguesa.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Criamos uma rede de relacionamento entre ex-alunos e alunos, no ambiente escolar, no período extra-classe, por meio de uma oficina de fotografias, a fim de utilizar métodos para a redução da deficiência de aprendizagem bem como inserir a cultura juvenil no ambiente escolar.

Objetivos específicos:

- Garantir aos jovens da comunidade uma oportunidade de lazer.
- Implantar um grupo de apoio de jovens da comunidade.
- Melhorar a rotina diária dos jovens da comunidade.
- Criar condições para que alunos da escola realizem seus trabalhos escolares.
- Desenvolver um registro fotográfico da comunidade escolar.

RELATO DA AÇÃO

As ações aconteceram de acordo com a possibilidade dos alunos, como também dos recursos que a escola possui para interagir com a comunidade. O objetivo central foi promover uma oficina de fotografia e desse modo focar os ângulos da escola. Os alunos fizeram um apanhado de fotografias que temos arquivadas na escola e fotografias que foram fotografadas por eles mesmos (escola, alunos, comunidade) para primeiramente averiguarem os aspectos locais e físicos. Em seguida fizeram a separação de grupos que puderam estabelecer três fatores essenciais do estudo como: fotografias focadas no local, fotografias focadas nas pessoas e por último, fotografias focadas na escola. Cada grupo relatou sobre o item escolhido.

O 1º grupo fez uma exposição com relatos do local. Para fotografias focadas no local e na escola foram válidas fotografias antigas e modernas para, assim, comparar fatos (geográficos, culturais, dentre outros). O segundo grupo, que optou pelas fotografias de pessoas, estudou e relatou sobre o modo de vida, a época, as dificuldades e a forma de lazer, dentre outros. O terceiro grupo optou em fotografar a escola e expor com fotografias de arquivos da escola e as atuais, as mudanças obtidas com o passar dos anos. O objetivo do trabalho foi que os alunos conhecessem a realidade e as características da região.

O estudo envolveu as disciplinas: Geografia, História e Português. O professor das turmas foi o responsável pela parte dissertativa do trabalho, que através desta teve a oportunidade de esclarecer aos alunos dúvidas em: pontuação, ortografia e redação. Para finalizar cada grupo apresentou um texto dissertativo com o tema: “O melhor lugar do mundo é aqui.” A proposta é que tanto os alunos quanto comunidade pudessem valorizar a região e também compreendessem a necessidade de participar.

No que diz respeito à dificuldade de aprendizagem, a intervenção foi feita com a produção de texto em questão, ou seja, as atividades foram planejadas de forma desafiadora baseadas no tema discutido. Assim foram

estipuladas as metas de intervenção com planejamento, trabalho em equipe e sintonia entre os componentes da equipe escolar, sendo:

I – estabelecer como foco uma oportunidade de lazer aos jovens da comunidade.

II – garantir que o trabalho dê continuidade.

III – focar em ações significativas, nas quais valorizem os jovens da referida comunidade.

IV – acompanhar os trabalhos dos jovens do grupo de apoio realizado com os alunos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de relato de uma experiência foi intencionalmente o que procurei dar para este texto. Talvez ele fique a dever- e muito – quanto ao rigor que deve ter um texto acadêmico. Entretanto, foi o que decidi e consegui fazer. Preferi lidar com as possibilidades institucionais que se fizeram presentes desde a concepção até a execução do Plano de Ação. Ao convidar os jovens da comunidade a fazer uma participação efetiva e afetiva na escola, constatei o interesse e a satisfação dos mesmos em estar dentro do ambiente em que um dia eles fizeram parte.

Esta proposta buscou ampliar a possibilidade de protagonismo e autonomia dos jovens, a partir do trabalho baseado no acesso ao conhecimento local e na participação de um jovem informado, crítico e criativo.

Trabalhar com ex-alunos jovens foi uma experiência de tal grandeza e contribuição para mim que, a partir deste trabalho, estes jovens já estão fazendo parte da nossa escola, ajudando-nos em eventos festivos.

Descobri que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações e símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. (DAYRELL, 2005, p. 15).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GANDIM, Danilo. Escola e transformação social. Editora Vozes:Rio de Janeiro, 1997.

GOERGEN, P. Espaço e tempo na Escola: constatações e expectativas: Sorocab:Universidade de Sorocaba,(s.d).2009

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica 2006

LEVI, Giovanni, Schmitt,Jean-Claude.Introdução. LEVI, Geovanni, Schmitt, Jean Claude. In: História dos Jovens.V.1 – Da Antiguidade è Era Moderna.São Paulo:1996,PP.7-17

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. A Importância do Conhecimento Escolar em Propostas Curriculares Alternativas. In Educação em Revista. Belo Horizonte, v.45, 2007, p. 265 a 290.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. Zoação e sociabilidade juvenil no espaço escolar. Belo Horizonte: Faculdade de Educação – UFMG, s/d mimeo

PARAÍSO, Marlucy. É possível um currículo fazer desejar? In: PARAÍSO, Marlucy (org.) Pesquisa sobre currículos e culturas:temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: CRV, 2010,p 153 - 168

PENIN, Sonia T. de Souza. A aula: Espaço de Conhecimento, lugar de cultura. Campinas, SP: Papirus, 1994. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador. São Paulo: EPU, 1986.

Anexos

Fotografias feitas pelos alunos juntamente com os ex-alunos jovens.



FIGURA1: Fachada da Escola Municipal “D^a Mariana Seabra”



FIGURA 2: Um dos vales da comunidade do Esmeril



FIGURA 3: Centro da comunidade do Esmeril



FIGURA4: Um dos Hotéis Fazenda da comunidade.



FIGURA 5: Igreja da comunidade do Esmeril